

ANAIS DO
IV SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

COLONIZAÇÃO E
MIGRAÇÃO

XXXI

Coleção de *Revista de História* sob
a direção do Prof. Eurípedes
Simões de Paula.



São Paulo
1969

A COLONIZAÇÃO ROMANA NA DÁCIA E NO BAIXO-DANÚBIO (*).

MARIA DA GLÓRIA ALVES PORTAL

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Baurú (SP).

Em congresso internacional sobre os imperadores romanos da Espanha, realizado em Madri, de 31 de março a 6 de abril de 1964, importantes questões foram propostas, cuja solução viria elucidar melhor os motivos do domínio romano nas ricas regiões da Dácia e do Baixo-Danúbio.

O presidente do congresso, professor André Piganiol, estudando moedas da época de Nerva (cuja legenda diz: *Quadragesimae Remissae*) foi levado a concluir que os homens de estado de Roma, no momento da ascensão dos imperadores da Espanha, contavam com uma provável revolta dos capitalistas espanhóis: as minas de prata da Espanha achavam-se esgotadas. Sendo válida esta tese, é provável que o fato tivesse determinado a conquista de outras zonas mineiras. O colóquio internacional citado julgou a legitimidade do “pessimismo” de Rostovtzeff sobre o declínio do Império Romano no início do II século e a consciência dos imperadores sobre isso. Concluíram os congressistas pela veracidade da afirmativa de Rostovtzeff.

Pretendemos apontar os povos que habitavam a Dácia e o Baixo-Danúbio antes da dominação romana. Descreveremos em síntese a penetração dos romanos na zona citada, indicando as causas econômicas, determinantes, desse domínio. Destacamos o soerguimento das antigas colônias gregas do Ponto Euxino sob o domínio dos romanos, e o progresso agrícola, industrial e comercial das províncias, em detrimento de Roma.

A conclusão, procurará evidenciar até que ponto a conquista da Dácia e do Baixo-Danúbio cumpriu sua finalidade política, militar e econômica.

Talvez a única originalidade deste trabalho seja a comparação, sempre que possível, entre a fonte epigráfica (Coluna Trajana) e a fonte literária (Caius Plinius Caecilius Secundus).

(*). — Comunicação apresentada na 1ª sessão de estudos, no dia 4 de setembro de 1967 (*Nota da Redação*).

I. — A POPULAÇÃO PRIMITIVA.

No neolítico, na atual Rumânia, uma civilização original desenvolveu-se. Escavações em Cucuteni e Erosd mostraram uma cerâmica parda e vermelha, variada, delicada e policroma, apresentando motivos em espiral. Estatuetas representavam grosseiramente os ídolos; aparecem utensílios e armas de bronze (1).

Essa zona é cogitada como sendo um dos possíveis centros iniciais de dispersão dos indo-europeus.

Outra hipótese sobre o *habitat* inicial dos indo-europeus é a da Rússia meridional, entre o Baixo-Danúbio e o Volga, onde no fim da época neolítica (por volta de 2500 a. C.) floresceu uma interessante civilização, chamada dos *tumuli* ou dos *kurgans*, assim chamada porque os mortos, cobertos como tinta ocre, eram enterrados em urnas artificiais (2). Na Rumânia, túmulos visivelmente artificiais correspondem aos *kurgans* russos. Contêm com a cerâmica, armas e restos de animais sacrificados. Na Rússia Meridional os crânios encontrados são dolicocefalos e braquicefalos, comprovando que as populações do neolítico já eram mistas. Assim, conclui-se que sendo uma dessas duas teorias válida, a zona do Baixo Danúbio foi centro inicial de dispersão dos indo-europeus. O ramo dos trácios (indo-europeus) dominou não só o território cárpato-danubiano, como a península balcânica inteira e vales da Ásia Menor. Getas, dácios e agatirsos, pertencem a êsse ramo. O único monumento escrito que os trácios nos deixaram permanece ainda indecifrável. Possuíam vida agrícola-pastoril, organização tribal e se concentravam em aldeias. Alguns desses povoados eram fortificados (3).

Os getas ocupavam desde o quarto século a. C. as duas margens do baixo Danúbio. Eram a nação mais valente e justa do ramo trácio (4).

Os agatirsos habitavam a Transilvânia Ocidental, limitando-se com os citas. Aspectos da civilização dos agatirsos são relatados por Heródoto. Dois pontos da vida dêste povo nos chamam a atenção: seu luxo, especialmente em ornatos de ouro, assim como o uso dos mulheres em comum (5). Os agatirsos recolhiam o mel e a cêra das abelhas e exploravam as minas.

(1). — Na Universidade de Jassy, são conservados ricos materiais. Jorga (N.). *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*, pág. 12-13.

(2). — Jouguet (Pierre), *Les Premières Civilisations*, pág. 198.

(3). — Rostovtzeff (M.), *História Social y Económica del Imperio Romano*, trad. López — Ballesteros (Luís), pág. 460.

(4). — Heródoto, *Los Nueve Libros de la Historia*. Trad. Bartolomé Pou (P.), vol. I, liv. 4º, par. XCII, pág. 387.

(5). — *Idem*, vol. I, liv. IV, par. CIV, pág. 393.

Os dácios eram, propriamente, os pastores da montanha. Dêles saíram os reis conquistadores dos Cárpatos. Seu centro fortificado encontrava-se no ângulo sudoeste da Transilvânia. Os romanos chamavam os dácios de: *davi*, *daii*, de *davae*, nome que serve para designar suas aldeias. Dácios seriam, pois, os habitantes das aldeias, camponeses (6). Sarmizegetusa, hoje Varhely, no meio do mais admirável círculo formado pelos Cárpatos, tornou-se sua capital. O tronco nacional trácio se confunde com o ilírio. Estes estenderam-se primeiro pelas terras que vão desde o Adriático até o Danúbio central.

A massa nômade de citas e sármatas não tinha uma distinção nacional profunda entre a raça ariana, dominante, e a raça submissa em grande parte turânica (7). Nos nomes dos chefes foram reconhecidos elementos que se encontram nas línguas arianas da Ásia; por outro lado, os costumes são semelhantes aos da massa turânica habitante da Ásia central, que ulteriormente rechaçara para a Europa a massa conquistadora dos povos hunos e turcos. Citas e sármatas apresentavam as características dos povos pastores, eram transumantes. Estes povos deram fundamento material e moral à população onde se formaram as províncias da Dácia e da Mésia.

Os eslavos aparecem pela primeira vez na História como um dos elementos da confederação sármata. O nome Sarmizegetusa pode conservar na sua voz a lembrança dos sármatas (8).

Heródoto menciona aspectos da civilização sármata (9).

A região cárpatu-danubiana apresenta influências gaulesas; nomes de localidades são de origem céltica.

O Danúbio formava o limite sul da província da Dácia, constituída após as vitórias de Trajano, ao sul do rio era a Mésia Inferior, constituída em província imperial depois das guerras dácicas. A leste ficava o Ponto Euxino, zona dominada pelos gregos com a colonização do VIII ao VI século a. C.

A colonização grega possuiu caráter contínuo, entretanto pode-se distinguir duas fases agudas: a primeira que sucedeu à invasão dóica, e a segunda a que se estende do VIII ao VI século. Nota-se neste último período características especiais: a colonização foi obra de uma cidade determinada, aparece a ação dos poderes públicos,

(6). — Jorga (N.), *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*, pág. 25.

(7). — Jorga (N.), *Leçons faites à la Sorbonne: Influences étrangères sur la Nation Roumaine. Études Roumaines*. I. As leis e os costumes dos citas são referidos por Heródoto: Liv. IV, Cap. LIX a LXXXI, vol. I, pág. 370 a 383.

(8). — Jorga (N.), *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*, pág. 18. Aspectos da civilização sármata são mencionados em Heródoto: Liv. IV, par. CXVII, pág. 399.

(9). — Heródoto, *Los Nueve Libros de la Historia*. Trad. cit. Vol. I. Liv. IV, par. CXVII, pág. 399.

dirigindo a formação do império marítimo de Mileto (10). Segundo a tradição, Mileto formou noventa colônias em volta do Mar Negro. Entre elas destacamos: Ólbia, Tiras, Tomi, Odessus. Os mercadores dessas cidades puderam comerciar com trigo e outros produtos do sul da Rússia. Pelo Danúbio e estradas romanas que chegavam a êste rio, o Euxino se colocava em contacto com a Europa Central e a Itália.

II. — CAUSAS ECONÔMICAS DA PRESENÇA ROMANA NO BAIXO-DANÚBIO E NA DÁCIA.

Os impérios do Tigre-Eufrates e do Nilo, assim como o persa, tomaram uma forma predominantemente político-militar. A situação geográfica desses países e as monarquias absolutas de direito divino que aí imperavam, favoreceram a união dos nomos em principados e destes em impérios que almejavam a dominação mundial. O imperialismo grego, como o fenício, tomou a forma econômica. Os romanos apresentam um imperialismo político, militar e econômico. Jamais os romanos deram a liberdade colonial que se encontra no mundo grego. Tipicamente fundada sob a forma econômica, foi a dominação romana no Baixo-Danúbio e na Dácia. Paribeni, citando Amiano Marcelino mostra que Trajano tinha planos de futuras campanhas orientais antes das guerras dácicas (11). Lepper defende o princípio da premeditação para a campanha de Trajano na Pártia. A premeditação é vista pelo autor citado, como corolário da tese econômica que afirma como causa predominante desta guerra o desejo de domínio das rotas comerciais (12).

Também seria possível aceitar-se a tese da premeditação no caso do domínio da Dácia e Baixo-Danúbio, já que essa zona era propícia ao comércio. O Danúbio é navegável desde a moderna Ulm. O Ponto Euxino possuía as velhas colônias gregas de importância vital para o comércio de trigo, peles, cêra e peixe seco, com a Rússia. Além disso havia o ouro dos dácios acumulado durante séculos pelos reis, as minas de ouro, prata e ferro, e o sal. A proximidade dos bárbaros e a humilhação de Domiciano parecem ter sido causas menos determinantes das guerras dácicas de Trajano, do que a riqueza da região.

As “cifras fantásticas” apresentadas por João Lydus (VI século) que dizia seguir Criton, médico de Trajano (13), relativas ao

(10). — Pirenne (Jacques), *Civilisations Antiques*, pág. 351.

(11). — Apud Lepper (F. A.), *Trajan's Parthian War*, pág. 167.

(12). — *Idem*, pág. 158.

(13). — Lydus, *De Magistratibus*, II, 28, apud Carcopino, *L'Or des Daces in Points de Vue sur L'Impérialisme Romain*, pág. 82.

botim das guerras dácicas, são estudadas por Carcopino (14), que as considera exageradas.

Em todo caso, trata-se de um tesouro valioso, além de que as cidades e as terras ao redor deveriam pagar tributo.

Um estudo comparativo entre a fonte epigráfica (Coluna Trajana) e a fonte literária (Plínio) nos mostra o imperador Trajano, colonizador do Baixo-Danúbio, como um monarca empreendedor, dissimulador de civilização. Seu físico bem apessoado, suas qualidades morais e militares, a integridade de sua família contribuíram para que o *Panegírico* fôsse tão bem aceito (15) e que o mesmo fôsse escrito com liberdade e prazer (16). A coluna nos mostra Trajano distinguindo-se dos demais pela estatura, sempre à frente das construções de pontes e fortalezas. Estas construções tinham mais que um fim militar, assegurariam o comércio aos conquistadores e o progresso na marcha civilizadora, aos conquistados. A autoridade deixada por Trajano aos chefes (17) foi, sem dúvida, um estímulo ao progresso. A confiança que este imperador podia ter em sua pessoa não o impediu de prevenir os males; a prova disto é sua atuação com relação às corporações (18).

III. — PENETRAÇÃO ROMANA NO BAIXO-DANÚBIO E NA DÁCIA.

Com a crise do fim da República, o trabalho do camponês não era mais compensador. As importações a baixo custo e o trabalho escravo tornaram impraticável o trabalho do pequeno proprietário. A emigração se fez sentir de um lado, na direção da Provença e, de outro, na da península balcânica.

A penetração romana, no sentido cultural, nas regiões danubianas deve ser colocada no II século antes de Cristo. *Conventus Civium Romanorum negotiandi causa consistentium*, não existiram somente no Oriente helenizado, mas mesmo nas regiões bárbaras, onde a imigração céltica tinha encaminhado o povo para as necessidades de uma vida civil mais organizada e de mais conforto. César men-

(14). — *Idem*, pág., 84. Mostra a possibilidade de erro de transcrição do compilador, Lydus. Este teria empregado dez mil por mil. Carcopino propõe as seguintes cifras que considera razoáveis: cinquenta mil prisioneiros, cento e sessenta mil e quinhentos quilos de ouro, trezentos trinta e um mil quilos de prata.

(15). — Plínio, *Letras*. Trad. Sicard C. Vol. I, Livro IV carta V, pg. 211.

(16). — *Idem*, Livro III, carta XVIII, pg. 191.

(17). — Plínio, *Panegírico*, trad. Navarro (Francisco) e Barreda (Francisco) pág. 23.

(18). — Plínio, *Cartas*, livro X, carta XLIII. Trad. Navarro (Francisco) e Barreda (Francisco), pág. 141.

ciona o *conventus civium Romanorum* de Salonae (19). Narona e Lissus aparecem na lista dos centros romanos que eram ativos no tempo da república. Nauportus, chave das passagens abaixo do Save, tinha seu próprio *conventus civium Romanorum* bem antes da organização imperial da região. Na Panônia, como na Dácia, os romanos quando dominaram pelas armas, encontraram rebeldes com conhecimento da língua latina. Ao tempo de Burebista, pelo ano 50 a. C.) a Dácia estava tão cheia de mercadores como a Gália. Além dos *negotiatores*, outros elementos penetraram na região danubiana: reis e chefes precisaram de grande quantidade de mão-de-obra especializada para construir suas fortalezas, fabricar engenhos de guerra ou cunhar suas moedas, geralmente tomando como modelo os *denari* da república romana. Os gregos de Ilíria faziam causa comum com os italianos e ao lado das centenas de denários da república romana encontrados na Dácia, a Moldávia apresenta quantidade de dracmas de Apolônia e Dyrrachium. Entretanto, a influência grega pouco ou nada vai-se fazer sentir na região. Apolônia e Dyrrachium eram romanas desde a dominação da Dalmácia. Por sua vez, os mercadores gregos das cidades da costa do Euxino, não parecem ter visitado as localidades do interior.

Existem fortificações à margem esquerda do Danúbio que são anteriores à conquista oficial da região, por Trajano. A localidade de Drobeta (Turnu-Severinu) é anterior à conquista oficial. Corria desde o sul desta localidade ao sul de Braila, separando o terreno dácio da Valáquia, um *valum* composto de um fôssco e um espaldão de terra de três metros (20).

O rei dácio, Burebista, iniciou uma série de conquistas; em vários anos fundou um vasto império, impondo a lei gética a quase todos os seus vizinhos; tornou-se uma ameaça aos romanos, pois cruzou o Danúbio devastando a Trácia, a Ilíria, chegando até a Macedônia. Ofereceu seu apôio a Pompeu contra César.

Quando César foi assassinado, havia iniciado a concentração de tropas que se destinavam à guerra dáctica (21).

Otávio Augusto submeteu as populações da Dácia (22).

A zona do médio Danúbio não trouxe grandes preocupações durante a dinastia Júlio-Cláudia pois os suevos ou marcomanos (germanos) estavam dentro da zona de influência romana. Ao contrá-

(19). — *Apud Pârvan* (Vasile), *Dacia*, pág. 152.

(20). — Chapot (Victor), *Le Monde Romain*, pág. 430.

(21). — Suetônio Tranquilo (Caio), *Los doce Césares*, trad. de Jaime Arnal, *Vida de Caio Júlio César*, par. XLIV, pág. 31.

(22). — *Res Gestae*, cap. XXX. *Monumentum Ancyranum*, Espasa-Calpe S.A., Vol. II, pág. 433 e Suetônio, obra cit., *Vida de Augusto*, cap. XXI, pág. 64.

rio, no Baixo-Danúbio se impôs uma vigilância mais séria: os bastarnos (germanos) e os roxolanos (sármatas) correm pelo que é hoje a Transilvânia, Moldávia e Bessarábia; os dácios devastaram a Mésia sem que Tibério nada fizesse. Numa segunda fase de sua vida este imperador não foi mais o guerreiro que fôra no início de sua carreira (23). Tibério, após as vitórias de Germânico, abandona a primitiva província da Germânia (entre o Reno e o Elba) por razões políticas, militares e econômicas. Mas é de seu tempo a primitiva estrada romana ao longo do Danúbio, entre dois campos legionários: Viminacium (V Macedônia) e Ratiaria (IV Cítica). Foi construída pelos soldados das duas legiões entre 33-34 de nossa era.

Quanto ao Baixo-Danúbio, não se tem nenhum documento anterior à carta enviada pelo governador da Mésia de 43 a 49 a. C. Flavius Sabinus aos cidadãos da Ístria. Vê-se que os bárbaros podiam entender o latim (24).

No reinado de Nero, o governador da Mésia, Plautius Silvanus derrota os bárbaros da esquerda do Danúbio, A Mésia, pelo ano de 52-53 d. C., é considerada como suficientemente romana para poder instalar em suas terras mais de 100 mil bárbaros, com suas mulheres e filhos, vencidos por Silvanus.

Domiciano fêz guerra por necessidade aos sármatas que haviam degolado uma legião e, campanhas contra os dácios (25); a primeira para vingar a derrota do cônsul Ópio Sabino e a segunda para vingar a de Cornélio Fusco, prefeito das coortes pretorianas. Realizou uma série de combates, que foram, nem favoráveis nem adversos. Recuou devido à ofensiva dos marcomanos da Boêmia e dos sármatas da Hungria. Os dácios exigem indenização e técnicos.

Trajano exigira a renúncia da soberania do país dácio, que passara a constituir a província da Dácia. Suas lutas com este povo são contadas em dois importantes documentos epigráficos: a coluna Trajana e o monumento de Adam Klissi.

As duas legiões com que contava a Mésia eram insuficientes para defender a margem do Danúbio, desde Belgrado até a sua desembocadura. No delta não havia um baluarte suficientemente poderoso.

A guerra da Dácia começa em 101. As causas militares dessa campanha são consideradas como determinantes por alguns (26), enquanto que ninguém nega a importância que teve a exploração das minas dessa região para os romanos. A primeira campanha foi assi-

(23). — Suetônio, *obra cit.*, *Vida de Tibério*, cap. XLI, pág. 135.

(24). — Pârvan (Vasile), *Dácia*, pág. 149.

(25). — Suetônio, *obra cit.*, *Vida de Domiciano*. Cap. VI, pág. 321.

(26). — Cook (S. A.), Adcock (F. E.), Charlesworth (M. P.), *The Cambridge Ancient History*, Vol. XI, pág. 231.

nalada pela passagem do Danúbio (27) e a derrota dos dácios em Tapas, conduz o exército romano até a entrada da zona montanhosa. No ano seguinte Trajano penetrou na Transilvânia e chega diante da capital dácia, Sarmizegetusa. Decébalo é vencido (28). L. Sicinius Sura é encarregado por Trajano de negociar a paz (29). O rei renuncia aos subsídios romanos, teve que arrasar suas fortificações, aceitar a presença de uma guarnição romana na capital e ceder uma parte de seu território. Recebe o título de aliado do povo romano, em 102. Para Decébalo a paz não era senão trégua.

Reinicia-se a guerra em 105. Trajano rechaça uma ofensiva dos dácios no Baixo-Danúbio e penetra na Transilvânia. Decébalo enfrenta uma verdadeira guerra de extermínio e sucumbe; suicida-se. A população, na sua maioria, pereceu na luta ou foi desterrada. Permaneceram as mulheres; muitos dos exilados acabarão por voltar às suas terras. A conquista dessa zona vinha assegurar as posições romanas do Baixo-Danúbio.

A Dácia, reduzida à Província, foi protegida ao norte e a oeste por um *limes* fortificado e colonos chegaram de diversas partes do Império.

Na guerra que Marco Aurélio teve que travar com os marcomanos, viu-se que a conquista da Dácia servira para eliminar das fileiras dos adversários de Roma um elemento perigoso, e determinou provavelmente que os bastarnos, os roxolanos e outros povos não tomassem parte mais ativa na guerra marcomana.

A fronteira norte é provável que fôsse traçada entre o Bihor ao oeste e a parte sul dos Cárpatos a leste. Porolissum é a localidade mais avançada ao norte (30). Entretanto, o Danúbio continuava como a fronteira estratégica.

O *limes* romano tinha fins militares. Sua forma variou, de acordo com os locais e a época (31). O *limes* do Baixo-Danúbio reproduzia o essencial do dispositivo geral do *limes* fluvial, aplicado ao Médio Danúbio: série de acampamentos, tórres de sentinela e postos de observação. A Coluna Trajana (32) mostra a margem direita do Baixo-Danúbio protegido por elevadas tórres de madeira (*burgi*), rodeadas por paliçadas. A parte baixa destas tórres servia de aloja-

(27). — Coluna Trajana.

(28). — C.I.L., VI 1444, ILS., 1022, Apud Robert Etienne, *Les Sénateurs Espagnols sous Trajan et Hadrien. Les Empereurs Romains d'Espagne*, pág. 79.

(29). — Dio Cassio, LXVIII, 9, 2, apud Robert Etienne, *obra citada*, pág. 79.

(30). — Vidal-Lablache, *Atlas — Conquêtes Roumaines*, pág. 17.

(31). — Homo (Leon), *Nueva Historia de Roma*, trad. Ferrán y Mayoral pág. 307.

(32). — Coluna Trajana, la. faixa, inferior.

mento à guarnição de soldados auxiliares, e o piso superior, provido de uma galeria, servia de posto de observação.

A defesa do Baixo-Danúbio completava-se até a Criméia, pelo litoral do mar Negro, onde o governador da Mésia inferior, como em sua província pròpriamente dita, exercia o supremo comando.

Os bárbaros visaram mais a região do sul do Danúbio do que a Dácia.

A Mésia fôra organizada em província consular na época de Cláudio. Domiciano, quando de suas guerras, julgou necessário repartir a Mésia em duas províncias: Mésia Superior e Mésia Inferior. Os governadores residiam respectivamente em Naissus (Nich) e em Tomi.

A Dácia foi inicialmente confiada a um personagem consular. Em 120 foi dividida em Dácia Superior (Transilvânia), governada por um legado pretoriano e Dácia Inferior, por um procurador. Durante o reinado de Antonino foi criada uma terceira província procuratória. (Dácias: Apulensis, Parolissensis, Malvensis). Septímio Severo reforça a zona. A antiga Drobeta deu seu nome atual: Turnu — Severinu.

A instabilidade vai acentuando-se durante o III século no Baixo-Danúbio; tornou-se crônica.

No início do III século a composição do exército romano destacado na região era a seguinte: duas legiões na Mésia inferior (a I Itálica e a XI Cláudia), duas na Dácia (a V Macedônia e a XIII Gêmina).

Maximiano, Décio, Galieno, Aureliano, receberam sucessivamente o título de Dacicus. Aureliano acabou por decidir-se pelo abandono da Dácia; provàvelmente depois de uma reconquista, pois, segundo alguns autores, Galieno tinha abandonado o país, pela pressão gôda (33).

O nome de Dácia torna-se o de duas províncias novas, constituídas às expensas da Mésia, sobre a margem direita do Danúbio: Dácia Ripensis (capital Ratiaria) e Dácia Mediterrânea (capital Sêrdica).

Apesar dessa marcha-à-ré dos romanos, os descendentes dos trácios romanizados permanecem. Já o *homo romanus*, o *romên*, estava fixado na margem esquerda do Danúbio. Não havia então na língua rumena um só termo de origem gôda (34). Este grupo estabeleceu-se no Danúbio inferior. Constantino-o-Grande foi quem restaurou as fortificações das fronteiras. Aos ávaros, na Bessarábia, sucedeu a avalanche dos eslavos (VI século). A antropologia e a etnografia não mostram a influência eslava entre os rumenos, mas sim a do tipo trácio.

(33). — Chapot (Victor), *Le Monde Romain*, pág. 433.

(34). — Jorga (N.), *Histoire des roumains et de leur civilisation*, pág. 36.

cio: moreno, baixo de estatura, vivo de fisionomia. Os empréstimos tomados aos eslavos pela linguagem rumena foram superficiais. Têrmos empregados na agricultura — não os fundamentais — são eslavos, assim como a nomenclatura geográfica da Transilvânia. Os búlgaros (nobres), no VII século, atravessaram o Danúbio na direção sul e impuseram a língua eslava nas duas Mésias.

Na Rumânia persistem ainda hoje as influências latinas.

IV. — A VIDA AGRÍCOLA.

As civilizações do Baixo-Danúbio eram milenarmente agrárias quando os romanos as conquistaram. A crise sócio-econômica do período republicano determinou uma emigração do cidadão romano, agricultor médio e pobre para essa zona. Os legionários romanos eram também agricultores. Entretanto, foram a indústria mineira e o comércio os principais elementos da economia dessa zona.

Nas zonas conquistadas, os soldados romanos faziam plantações de acôrdo com as possibilidades agrícolas do país (35). O fisco “comprava” a produção indígena (36), o que na realidade não passava de exploração do vencido pelo vencedor.

Colonos vieram de todo o mundo romano para a margem esquerda do Danúbio (37). Além disso a população indígena não foi totalmente exterminada.

Os legionários, dando baixa do serviço ativo do exército, permaneciam com suas mulheres no país conquistado e os filhos nascidos dessas relações. Jorga nos mostra o caráter militar, assim como rural, do latim vulgar que, após grande número de misturas ulteriores, tornou-se a língua rumena. Havia no Baixo-Danúbio os territórios correspondentes às fortalezas, às cidades gregas (em decadência) e os territórios dos habitantes indígenas. Nessa época não havia propriedade privada nas províncias; as propriedades pertenciam, segundo Gaius, ao Imperador, nas províncias imperiais, e ao *populus romanus*, nas províncias senatoriais. Os *possessores* eram proprietários de fato, mas não *domini* (38).

A agricultura itálica entrou em decadência em favor das províncias. Os esforços de Nerva, Trajano e Adriano, foram no sentido de resolver essa situação. Nerva quis redistribuir terras aos camponeses pobres. Trajano proibiu a emigração da Itália e estabeleceu colônias de veteranos nas imediações de Roma e obrigou os senado-

(35). — Plínio, *Panegírico*, trad., cit., pág. 33.

(36). — *Idem*, pág. 34.

(37). — Jorga (N.), *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*, pág. 31.

(38). — D'Ors (M.), Aparte à tese de Piganiol sobre a “Política Agrária de Adriano”, *Les Empereurs Romains d'Espagne*, pág. 144.

res a adquirirem terras na Itália. Os escravos vão sendo substituídos pelos colonos que podiam alugar terras dos grandes proprietários. Uma série de leis de datas variáveis irão prendendo o colono à terra. A ocupação de trinta anos tornar-se-á suficiente para criar um laço perpétuo, até que no fim do Baixo-Império a condição do colono define-se como intermediário entre o homem livre e o escravo. Entretanto, no Danúbio no II século, existia um número considerável de comunidades rurais nas quais os camponeses cultivam terras próprias e não arrendadas de ricos proprietários.

Pode-se considerar o *alimenta* de Trajano como um esforço pela restauração agrícola na Itália. Trata-se também de uma obra de assistência destinada às cidades da Itália, com exclusão de Roma e das províncias. A partir de 101 foi posta em prática, cidade por cidade, sem que se possa dizer se beneficiou as 1197 cidades da Itália (39). Em cada vila o Imperador fazia empréstimos sob hipotecas das propriedades e o juro anual era empregado em pensões alimentares às crianças pobres. As hipotecas eram feitas sob um valor doze vezes superior ao empréstimo, o que garantia os juros.

O *alimenta* é o equivalente itálico da *Lex Manciana*. Essa lei, de origem desconhecida, foi feita para a África. As suas disposições essenciais figuraram depois na *Lex Hadriana*. Piganiol considera como um grande problema da história romana saber se esta lei se estendia a todo o Império. As disposições essenciais das duas leis citadas eram:

- a). — autorização a qualquer um de cultivar as terras incultas;
- b). — a definição do direito adquirido pelo explorador, que é um *usus proprius* (40).

O Danúbio, como a África, beneficiaram-se com a *Pax Romana*. O Império tinha interesse em pôr em ordem as províncias, para não depender da importação incerta de víveres.

V. — A URBANIZAÇÃO.

O governo romano dominou o curso inferior do Danúbio com uma cadeia de fortalezas: Oescus, Ratiaria, e desde Trajano: Durostorum e Troesmis. Foi Trajano que outorgou aos acampamentos fortificados de Ratiaria e Oescus a categoria de colônias romanas, logo que as legiões foram deslocadas para Singidunum e Troesmis. Também fundou novas cidades como Nicopolis ad Istrum. Esta foi construída nos mesmos moldes da africana Tingad, em forma

(39). — Eliano, *Var. Hist.*, IX, 16. *Apud*, Weyne (Paul), *Les Alimenta de Trajan, Les Empereurs Romains d'Espagne*, pág. 163.

(40). — Piganiol (A.), *La politique agraire d'Hadrien. Les Empereurs Romains d'Espagne*, pág. 135.

de acampamento (41). Em Nicopolis juntou-se à cidade civil uma fortaleza. O circuito da cidade era perfeitamente quadrangular com duas estradas principais, uma de norte ao sul e outra de este a oeste, que se entrecortavam no meio, onde começava o fôro; estas duas estradas conduziam às quatro portas da cidade, onde vinham desembocar estradas menores retilíneas (42). O afã construtor de Trajano é testemunhado por Plínio, que salienta a rapidez das construções (43). O monumento de Adam Klissi (Igreja do homem), na vasta planície da Dobrudja (na Mésia), é mais um atestado do trabalho construtor nas províncias. Trata-se de um monumento honorífico com embasamento circular, dedicado a Marte. Foi construído por Trajano, no ano 109. Possuía 30 metros de altura e 27 de diâmetro. Atribuía-se o monumento ao mesmo arquiteto da Coluna Trajana. — Apolodoro de Damasco. Havia um contraste entre o plano arquitetônico e a decoração figurada no relêvo. O trabalho decorativo é atribuído aos legionários ou a artistas locais; a estes mais provavelmente. Trabalharam os artistas segundo uma corrente de arte bárbara, de que restam alguns exemplos, especialmente em estelas funerárias, no solo da Trácia. O monumento de Adam Klissi é inferior artisticamente aos monumentos históricos romanos contemporâneos; testemunha da arte provincial indígenas (44).

À sombra do monumento de Adam Klissi surge a pequena fundação de Tropaeum Trayani. Aí, vinte anos antes Ópio Sabino tinha sido derrotado.

A urbanização e colonização efetivas na zona do Baixo-Danúbio realizaram-se entre povos que já tinham absorvido formas superiores de civilização.

Sarmizegetusa (Varhély) ligava-se por vias romanas a Viminacium da Mésia, a Apulum e a Drobeta (Turnu-Severinu). Apulum era a colônia mais populosa.

VI. — A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO.

Havia o comércio internacional; mas o Império romano formava por si só uma unidade comercial viva. As produções complementavam-se. Tibério determinou a construção de uma estrada ligando o Médio ao Baixo-Danúbio. Aquiléia era o entroncamento das rotas de comércio entre a Europa oriental e a Europa ocidental. Esta ci-

(41). — Babcew, *Nicopolis ad Istrum*, in "Bull. de L'Inst. Arch. Bulg". 5, (1928) pág. 56, Apud Rostovtzeff (M.). Trad. López-Balesteros (Luís), vol. I. pág. 494.

(42). — Ducati (Pericle), *L'Arte Classica*, vol. I. pág. 631-632.

(43). — Plínio, *Panegírico*, pág. 59, trad. citada.

(44). — Ducati (Pericle), *L'Arte Classica*, vol. I. pág. 633-634.

dade era também rica em indústrias (tecidos, cristal); o âmbar, procedentes das regiões do Báltico, era trabalhado em oficinas locais, como mostram as escavações de Aquiléia. Esta localidade ligava-se a Carnutum no médio Danúbio. O sistema de estradas e a segurança das viagens produziu um florescimento no comércio provincial. Numerosas inscrições atestam o florescimento do comércio urbano. Assim, verifica-se que existia um comércio internacional, inter-provincial, provincial e urbano. A Itália inferiorizava-se frente às províncias no que concerne ao comércio, ocorrendo o mesmo quanto à agricultura e à indústria.

Além dos comerciantes romanos, que atuavam na zona do Danúbio de há muito, surgiu aí uma classe comercial. O declínio do pôrto de Puteoli, na Campânia é apontado como prova da decadência comercial da Itália em favor das províncias no II século de nossa era (45).

Mercadores da Gália chegavam ao vale do Danúbio, e entre esta zona, aquela província e a Germânia, desenvolveu-se um ativo comércio. Do Danúbio o comércio estendeu-se ao Dnieper, alcançando aí grande importância durante todo o II século.

As plantações em forma mais intensiva na Dobrudja não foram suficientes para abastecer de víveres o exército romano, daí a proteção militar que os romanos dispensaram a Ólbia e à cidade livre do Quersoneso no reino do Bósforo. Quersoneso exportava grande quantidade de trigo, couros e peixes que, através das cidades gregas da costa ocidental e sul do Mar Negro iam parar nos acampamentos do exército romano das margens do Danúbio e da Capadócia. Ólbia, Quersoneso, assim como Tanais, Pontecapeo, Sinope, Amisos, Tomi, floresceram novamente no II século, devido ao incremento do comércio. Jorga mostra-nos que a influência da civilização grega, viva nessas suas velhas colônias do Ponto Euxino, não atingiu o interior da zona danubiana (46). Entretanto, as pesquisas na fortaleza de Gradiste mostraram que os blocos de pedra tinham letras gregas (47). Em todo caso, não houve uma influência fundamental da civilização grega na Dácia. Uma das características diferenciativas básicas entre a colonização grega e a colonização romana é justamente o espírito liberal que se desenvolveu nas primeiras. As colônias gregas eram independentes da mãe pátria, com a qual se ligavam apenas por laços morais, lingüísticos e religiosos. Eram regidas por um conselho de cidadãos, enquanto que as colônias romanas, unidas em

(45). — Rostovtzeff (M.), *Historia Social y Económica del Imperio Romano*, trad. cit. pág. 301.

(46). — Jorga (N.), *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*, pág. 21.

(47). — Cook (S. A.), Adcock (F. F.), Charlesworth (M. P.), *The Cambridge Ancient History*, vol. XI, pág. 89.

províncias imperiais e senatoriais desde a repartição de 13 de janeiro de 27 a. C., formavam parte de um todo governado por monarquia absoluta tida como de direito divino. Os dácios vinham sendo governados por reis que, originariamente, também tiveram a função de reis-sacerdotes. Assim, no aspecto básico da organização política, os gregos não chegaram a atuar para o interior da zona do Euxiro.

A primeira faixa da coluna trajana já nos mostra os soldados transportando rio acima víveres para o exército, procedentes das cidades gregas; ou rio abaixo, provisões vindas do norte da Itália e de Aquiléia (vinho). Nas margens do rio estão representados postos romanos de desembarque e de depósito, fortificados com paliçadas, possíveis núcleos de futuras cidades. A segunda faixa da coluna apresenta novo aspecto da vida comercial: uma cidade e soldados transportando vinho. Atrás uma fortaleza entre uma estrada que conduz ao interior do país e outra que costeia o rio (48).

No *Panegírico*, Plínio-o-Jovem fala da abundância de trigo e da mescla de distantes nações pelo comércio (49). Os produtos de qual quer parte pareciam naturais a todos.

A *annona* imperial foi a força motriz do comércio inter-provincial. A preocupação dos imperadores era Roma e os exércitos. Esta cidade não estava sujeita ao *alimenta*, mas aí realizavam *frumentationes*.

O tráfico com o sul da Rússia beneficiou as tribos sármatas que dominavam a estepe sul russa e o Cáucaso.

As províncias tomaram incremento quanto às indústrias. A Itália cedeu neste campo primazia à Gália.

Sabe-se que no II século a indústria não havia progredido, nem quanto à técnica nem quanto às formas. Só a técnica do vidro havia progredido desde o I século.

A descentralização industrial e sua estandarização não chegaram a beneficiar a grande massa dos habitantes do Império, que era constituída pelos proletários urbanos.

À tese de Weber sobre a permanência da economia doméstica no mundo antigo, contrapõe-se Rostovtzeff. Para este autor não houve, nem nos mais remotos tempos da Antigüidade, economia doméstica pura. Havia no mundo romano vestígios de economia doméstica, sobre tudo no que se refere à fabricação de tecidos; mas para tudo mais se recorria ao mercado.

(48). — Rostovtzeff (M.), *Historia Social y Económica del Imperio Romano*, trad. citada, lam. XLV, vol. I, pág. 29; Mommsen (Teodoro), *El Mundo de los Césares*, trad. Roces (Wenceslao), pág. 186; Bendinelli (Goffredo), *La Colonna Traiana*.

(49). — Plínio, *Panegírico*, trad. cit. pág. 33.

A crescente exploração das minas determinou a definitiva introdução da economia monetária em todo o Império: daí os esforços do governo em anexar novas zonas mineiras, como ocorreu com a Dácia.

Os minérios nunca foram monopólio do Estado, nem sob a República nem sob o Império; ele era apenas o maior proprietário. Nos antigos reinos helenísticos as minas eram de propriedade particular e no Ocidente as minas haviam pertencido ao Estado. Nestas duas zonas o Império romano tornou-se o herdeiro. No período republicano as minas foram entregues mais à exploração de capitais privados, reunidos em potentes companhias.

A exploração das zonas mineiras da Dácia era feita de várias formas, ordenadas conforme o distrito mineiro. Escapa à História a porcentagem que ficava ao Estado. Na Espanha a ordenação de Vipasca estabelecia a metade ao Estado e a outra metade ao explorador.

Pequenos empresários podiam alugar galerias, assim como grandes contratistas (*redemptores*) podiam obter a concessão da empreitada. Os primeiros pagavam seu direito de exploração aos arrendatários dos impostos ou a funcionários; os *redemptores* tinham sua remuneração proporcional ao material extraído. Os proprietários de minas particulares entregavam ao Estado uma parte do produto.

Pode-se dizer que a indústria e o comércio cresceram enquanto aumentou o Império, estagnando depois de Adriano. Aliás, a famosa crise do III século determinando uma alta de mil por cento na segunda metade do III século, contribuiu para a derrocada da indústria e comércio imperiais. Causas de ordem político-militares foram as principais responsáveis por essa crise.

Na região danubiana como havia um bom número de médios proprietários, estes deveriam possuir um poder aquisitivo razoável. A burguesia municipal, sujeita cada vez mais a cargas crescentes, foi-se esgotando, e inclusive perde seu patriotismo municipal que fôra a causa da prosperidade do Império. Esta classe era exígua e o proletário urbano foi-se tornando cada vez mais pobre, menos apto a adquirir materiais manufaturados.

CONCLUSÕES.

A necessidade de rechaçar os germanos e sármatas é apontada como causa determinante da presença romana na margem esquerda do Danúbio pelos seguidores de uma tese político-militar. A chamada tese econômica afirma que as riquezas da Dácia foram o motivo determinante. Em 106 Trajano fez terceira distribuição aos plebeus, superior às duas anteriormente realizadas. Sabe-se por Plínio que ini-

cialmente Trajano não teve o suficiente para pagar o que prometera: rações ao povo e donativos aos soldados (50).

Por outro lado, a sua conquista da Pártia, após a dominação da Dácia, também foi uma empresa que exigiu recursos. As construções nas províncias e em Roma levaram altas somas. As províncias contavam com seus arquitetos e as construções eram freqüentes (51). Assim: distribuição ao povo e aos soldados, as guerras e as construções exigiram gastos superiores ao que se arrecadava.

Não há riqueza que se não esvaia quando não é firmada num substrato econômico sólido: o comércio, a agricultura e a indústria decaíram em favor das províncias. Na Dobrudja intensificou-se a plantação de trigo. A força do comércio era a *annona* imperial. As colônias gregas do Mar Negro foram vitalizadas e através delas a Itália pôs-se em contacto comercial com o sul da Rússia. Daí afirmarmos que a conquista dessa zona tinha fim comercial. Entretanto, o trabalho escravo já não rendia como outrora. Além disso, faltava proteção equilibrada à indústria por parte do Estado. O mercado era limitado, o que determinou a falta de concorrência.

A colonização operou-se em maior escala ao longo dos rios: Oltu (Aluta), Maros (Marisus) e seus afluentes.

A língua latina expandiu-se graças aos legionários e ao progresso das associações; era o idioma adotado pelos colégios funerários, pelos agrupamentos de socorros mútuos e pelos sindicatos de bateleiros (*utricularii*) que transportavam a riqueza da região: cal, ferro, ouro e prata.

O reino dácio havia iniciado a exploração do ouro, o Estado romano a continuou.

Recentes pesquisas arqueológicas e numismáticas em antigos centros urbanos da Dácia, assim como em localidades rurais, mostram a persistência do elemento dácio-romano nos diversos traços da cultura material (cerâmica, utensílios, adornos), após a retirada das autoridades romanas. Continuou a haver um desenvolvimento fundamental da romanidade nas transformações históricas posteriores ocorridas na antiga província dácia (52).

*

* *

(50). — Plínio, *Panegírico*, trad. cit. pág. 29.

(51). — Plínio, *Cartas*, trad. cit., Livro X, carta XXIX, pág. 134, carta XXV, pág. 133, e Coluna Trajana.

(52). — *Revue Roumaine d'Histoire*, 1966, 1, pág. 164.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA.

- 1). — *Colloques Internationaux du Centre National de la Recherche Scientifique. Les Empereurs Romains d'Espagne*. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique. Paris. 1965.
- 2). — Piganiol (André), *Histoire de Rome*. Coleção "Clio". Presses Universitaires de France. Paris, 1949.
- 3). — Rostovtzeff (M.), *Historia Social y Económica del Imperio Romano*. Trad. López-Ballesteros (Luis). Espasa-Calpe S. A. Madrí. 1937, 2 vol.
- 4). — Jorga (N.), *Histoire des Roumains et de leur Civilisation*. Henry Paulin, Editeur. Paris. 1920.
- 5). — Carcopino (Jérôme), *Points de Vue sur l'Impérialisme Romain*. Collection Saint-Germain-des-Prés n. 12. Le Divan. Paris, 1934.
- 6). — Homo (Leon), *Nueva Historia de Roma*. Trad. Ferrán (J.) Y Mayoral. Editorial Iberia, S.A. Barcelona, 1955.
- 7). — Cook (S. A.), Adcock (F. E.) Charlesworth (M. P.), *The Cambridge Ancient History*. Vol. XI. Cambridge, — At the University Press, 1936.
- 8). — Chapot (Victor), *Le Monde Romain*. Coleção "L'Evolution de l'Humanité", XXII. Éditions Albin Michel. Paris, 1951.
- 9). — Ducati (Pericle), *L'Arte Classica* — 3a. ed. Unione Tipografico. Editrice Torinese. Torino, 1944, vol. I.
- 10). — Bendinelli (Goffredo), *La Colonna Traiana*. Instituto Nazionale "L.U.C.E.". Bergamo, 1931.
- 11). — Hohl (Ernest), *El Imperio Romano*, in "Historia Universal", dir. por Goetz (Walter). Trad. García Morente (Manuel). Espasa-Calpe, S.A. Madrí, 1951, tom. II.
- 12). — Mommsen (Teodoro), *El Mundo de los Cesares*. Trad. Rocés (Wenceslao). Fondo de Cultura Economica. México, 1945.
- 13). — Pârvan (Vasile), *Dácia*. Cambridge. At the University Press, 1928.
- 14). — Heródoto, *Los Nueve Libros de la Historia*. Trad. P. Bartolomé Pou, S. J. — Melpómene: liv. IV. Vol. I. Editorial Iberia. Barcelona, 1955.
- 15). — Suetônio Tranquilo (Caio), *Los Doce Césares*. Trad. Arnal (Jaime). Editorial Iberia Barcelona, 1955.
- 16). — Plínio, el Jovem, *Panegírico de Trajano Y Cartas*. Trad. Navarro (Francisco), Barreda (Francisco). Madrí, 1891.
- 17). — Plínio-o-Jovem, *Lettres*, Livres I a V. Tomo I. par Sicard C. Édition Garmier Frères. Paris, 1954.

- 18). — Vidal-Lablache, *Atlas Historique-Geographique* (400 cartas, index de 32.000 nomes). Librairie Armand Colin. Paris.
- 19). — *Revue Roumaine d'Histoire*, 1966, I. Éditions de l'Académie de la République Socialiste de Roumanie. Notes sur l'Article de D. Protase: Considérations sur la Continuité des Daco-Romains en Dacie post — Aurélienne à la Lumière des Recherches Archéologiques et Numismatiques, *Revue d'Archéologie et d'Histoire Ancienne* — publ. Inst. Archéologie de l'Académie de la R. S. R.

* * *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Eurípedes Simões de Paula* (FFCL. da USP.).

A Autora, em seu trabalho, sustenta:

- a) que a Dácia, após conquista romana, recebeu algumas legiões e que estas aí permaneceram;
- b) que o território foi colonizado por elementos oriundos de todas as regiões do Império Romano;
- c) que *negotiatores* e outros mercadores invadiram a região.

Pergunta:

- a) se essas legiões, se esses mercadores e colonos eram oriundos da região ocidental do Império Romano, onde se falava o latim?
- b) se alguns desses elementos eram da parte oriental do Império Romano, onde o grego era a língua dominante?
- c) esses orientais teriam influenciado o rumeno, língua nitidamente neo-latina?

*

Do Prof. *Carl Laga* (FFCL. de Marília. SP.).

Diz que não acredita na afirmação da Autora de que entre a fase (pág. 79), que “sucedeu à invasão dórica” e “a segunda, a que se estende do VIII ao VI século” (*ibidem*);

Acha que a Coluna Trajana é um monumento predominantemente iconográfico e não epigráfico. A própria Autora parece tirar ela, alias, informações iconográficas (pág. 81).

Diz que vê uma certa discordância nos dizeres da própria Autora quando esta afirma (pág. 80), sucessivamente, que o imperialismo romano foi de cunho político-militar e econômico, e em seguida, que a dominação romana no Baixo-Danúbio e na Dácia foi “típicamente fundada sob a forma econômica” (*ibidem*).

Pede explicações sobre a área ocupada pelos getas na época pré-histórica, como um ramo dos trácios e no IV século a. C. (pág. 78). Se o seu local não mudou, como parece constar do texto, não vê necessidade da alínea que começa com as palavras: “Os getas ocupavam...” (pág. 78).

*

Do Prof. *Sebastião Romano Machado* (FFCL. de Franca. SP.).

Afirma que a História, como as demais ciências, é perfectível e evolutiva. Pergunta, pois, se na problemática atual da Arqueologia para que lado ela tenderia, propaganda, economia, ou político-militar?

*

Do Prof. *Luís César Bittencourt Silva* (Faculdade Fluminense de Filosofia. RJ.).

Indaga sobre o caráter predominantemente político-militar dos Impérios do Tigre-Eufrates e Nilo apontado pela Autora. Entende, “data venia”, que principalmente em relação ao estado faraônico tal não se verifica.

Pede à Autora que conceitui “Imperialismo” em relação aos gregos e fenícios.

*

Do Prof. *Francisco José Calazans Falcon* (FFCL. da Universidade Federal do Rio de Janeiro. GB.).

Diz que a Autora à página 80 e depois, novamente, à página 91, emprega a expressão “tese econômica” para, ao que parece, justificar uma relação de tipo causal. A êle parecia que é visível haver aí uma indecisão metodológica, algo assim como a concepção de que os “fatos” históricos não só admitem uma multiplicidade de explicações, mas, também, cada exposição — uma “tese” (?) — pode ser arbitrariamente escolhida por outros historiadores em seus trabalhos, ao sabor de suas preferências ou convicções. Indeterminação de causas, multiplicidade de teses, livre-arbítrio do historiador, irracionalidade da História.

Indaga: é esta a posição da Autora?

Continuando, diz que a Autora à página 90 não indica qual a obra de Max Weber que utilizou. Na página seguinte a Autora afir-

ma, quase gratuitamente, o predomínio das “causas de ordem político-militar” na gênese da crise do III século do Império Romano, entrando em contradição com todo seu raciocínio anterior, com a bibliografia já citada e com a própria *História*.

*

Do Prof. *Jaciro Campante Patrício* (FFCL. de Marília. SP.).

Pergunta em que sentido deve-se entender a expressão da página 80: “foram predominantemente político-militar dos Impérios Tigre-Eufrates e do Nilo”.

*

Do Prof. *Harry R. Bellomo* (Pontifícia Universidade Católica de Porto-Alegre. RS.).

Diz que as linhas gerais do trabalho tendem a considerar o fator econômico como o predominante na intervenção romana na Dácia. Assim sendo, pede os seguintes esclarecimentos:

Em vez do fator econômico, não seria o fator militar o predominante? Pois, continua, é sabido que desde o reinado de Nero (anterior, portanto, ao esgotamento das minas ibéricas) os romanos realizavam operações militares na região do Danúbio — a pressão militar dos bárbaros era evidente.

Aliás, no próprio texto do trabalho apresentado (pág. 84), consta que o imperador Trajano tentou pacificar a Dácia, dando o título de aliado do Império Romano a Decébalos.

Sendo o fator econômico o predominante, como o afirma a Autora, os romanos poderiam se apoderar do ouro da Dácia, usando o sistema de tributação.

* * *

RESPOSTAS DA PROFESSORA MARIA DA GLÓRIA ALVES PORTAL.

Ao Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

Diz que mercadores e colonos itálicos chegaram à Dácia antes mesmo da conquista oficial. A crise do fim da República provocou uma emigração populacional na direção do Danúbio. Os oficiais superiores e inferiores eram “elementos urbanos”, representativos da

cultura que tinha como língua oficial da administração e do governo o latim. A Coluna Trajana representa o Imperador fazendo uma alocação às legiões durante as guerras dácias, portanto a maioria dos soldados deveria entender o latim. Eutrópio assegura que os colonos vieram, *ex toto orbe romano*, mas em primeiro lugar da Itália. As inscrições atestam que o país tinha recebido, pelos colonos oriundos do Oriente por exemplo, certos cultos asiáticos; mas na língua rumena são escassos os elementos gregos e quase todos eles penetraram através do latim.

*

Ao Prof. *Carl Laga*.

Afirma:

1. — que o seu texto diz: “duas fases agudas”;
2. — que deveria constar do texto a expressão: fonte epigráfica e iconográfica;
3. — que a conquista da Dácia foi realmente motivada por razões predominantemente econômicas. Daí afirmar ela que a dominação foi tipicamente estabelecida sob a forma econômica;
4. — a fixação dos getas (segundo as fontes) em ambas as margens do Danúbio deu-se no IV século a. C.

*

Ao Prof. *Sebastião Romano Machado*.

Diz que a Coluna Trajana segue a linha de propaganda característica da arte romana imperial. Mesmo estando enquadrada no espírito propagandístico da época, a Coluna não deixa de revelar aspectos econômicos, sociais, políticos, militares e religiosos dos povos e do período em estudo. Evidenciou o fator econômico no processo causal das Guerras Dácicas porque as fontes concordam com essa predominância, pois a Coluna Trajana, na sua primeira faixa, mostra o valor do Danúbio para o comércio entre a Itália e o Ponto Euxino. Com a conquista da Dácia este comércio seria melhor defendido. J. Lidus cita as riquezas extraordinárias extraídas pelos romanos da Dácia. Suetônio, na *Vida de Domiciano* atesta a decadência financeira em que o Estado Romano se encontrava durante o reinado desse Imperador.

*

Ao Prof. *Luís César Bittencourt Silva*.

Respondendo, indaga: que foi a batalha de Kadesh senão o choque de dois imperialismos do tipo político-militar? Para a Autora

os povos do Egito e da Mesopotâmia se organizaram em Impérios em torno de monarcas de direito divino. A expansão do tipo citado resultou de uma necessidade inerente a essa forma de governo e às condições da época.

A obra *Vida de Péricles* de Plutarco, assim como a *República de Atenas* de Xenofonte, expressam de uma forma objetiva o que foi o imperialismo econômico dos gregos. A expansão cartaginesa revela esse mesmo tipo de imperialismo, isto é, domínio de outros povos, realizado com o fim precípuo de auferir riquezas.

*

Ao Prof. *Francisco José Calazans Falcon*.

Diz que F. A. Leper se opõe à tese antiga de Dião Cássio de que Trajano ao fazer guerra à Dácia procurava fama. A opinião moderna é de que esse Imperador buscava riquezas. A expressão “tese econômica” dá realce a um fator do processo causal. Esse processo é complexo. Entretanto, êle destaca-se como predominante, mas não de forma exclusiva. Na Dácia o fator precípuo foi o econômico.

Quanto ao livro de Max Weber citado, trata-se da *História Econômica Geral* do Fundo de Cultura Econômica (3ª edição, 1961).

No que se refere à crise do III século, diz que ela nasceu da anarquia política e militar, pelo menos essa é a opinião de Léon Homo.

*

Ao Prof. *Jaciro Campante Patrício*.

Diz que a resposta que deu ao Prof. Luís César esclarece o assunto referente à forma político-militar dos Impérios do Tigre-Eufrates e do Nilo.

*

Ao Prof. *Harry R. Bellomo*.

Afirma que as fontes não amparam a predominância sugerida. Decébalos, pela sua própria personalidade, não era rei que se submetesse ao pagamento de tributos sem reagir. Também a tomada da margem esquerda do Danúbio defenderia o comércio através desse rio. O título de aliado não era somente simbólico, pois custou a Decébalos, nada mais, nada menos, do que a renúncia à soberania do país.